

1958 e 2010: as diferenças na forma de retratar as torcidas organizadas

Luis Eduardo Domingos Lobo Armando¹

Resumo

As causas da violência no futebol brasileiro nem sempre foram interpretadas da mesma forma pela imprensa nacional. Do mesmo modo, o discurso midiático sobre torcidas organizadas de futebol também mudou bastante ao longo do tempo. O objetivo deste artigo é expor dois períodos históricos distintos, 1958 e 2010, do processo de mutação da forma que a imprensa retratou as torcidas organizadas. Antes entendidas como promotoras de festas, as torcidas, ao longo do tempo, passaram a ser associadas ao crescimento da violência em centros esportivos. Como metodologia de estudo, que será detalhada a seguir, utilizou-se a retórica da imagem de Roland Barthes (1990), que analisa como texto e imagem argumentam conjuntamente.

Palavras-chave: *Torcidas Organizadas; Futebol; Discurso Midiático; Violência; Fotografia.*

INTRODUÇÃO

Quando Charles Miller trouxe a primeira bola de futebol ao Brasil, em 1894, até 1930, o futebol era um esporte somente para os ricos (SANTOS, 2004: 59-60); nas arquibancadas, encontravam-se pessoas de terno e gravata. Ao longo do século 20, o futebol brasileiro ganhou 4 títulos mundiais, e o esporte se consolidou como um dos elementos mais importantes da cultura brasileira, parte integrante do cotidiano dos brasileiros, direta ou indiretamente.

¹ Estudante do curso de graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da ESPM/SP. Foi bolsista PIBIC de agosto de 2016 até julho de 2017.

Por conta da popularização do esporte, surgiram os primeiros grupos de torcedores, em meados da década de 40 – as festas nas arquibancadas, promovidas por estes grupos, eram embaladas por percussões que envolviam até saxofone. Na época, diferente dos grupos de hoje, as torcidas organizadas tinham ares de oficialidade por estarem ligadas ao corpo diretivo dos clubes, além de serem identificadas por torcedores símbolos, como Jaime de Carvalho, da Charanga do Flamengo. A partir do final da década de 60, o que são hoje as principais torcidas organizadas dos grandes clubes brasileiros – como a Independente (São Paulo), Jovem-Fla (Flamengo) e Gaviões da Fiel (Corinthians), Máfia Azul (Cruzeiro) - começam a surgir, mudando o panorama das torcidas organizadas até então; estes grupos não eram mais oficialmente ligados aos clubes e não contavam com torcedores símbolos. Passaram, então, a ser oposição ao poder, do futebol e do país, também por conta do engajamento na luta contra a Ditadura Militar (1964-1985), e, portanto, assumindo um papel bem diferente do que o identificado anteriormente, ao se transformarem em atores políticos.

Não obstante, a mídia também sofreu metamorfoses em seu discurso. Segundo Hollanda (2008: 133-135) e Santos (2004: 82), a partir da década de 1980, a associação das torcidas organizadas com o crescimento da violência começou a ser corriqueira – sendo que, antes, eram associadas às festas feitas nos estádios. É a partir de discursos generalizantes e preconceituosos, como os empregados pela mídia atualmente, que surge a interpretação homogeneizante por parte do poder público, que prefere punir todo o agrupamento do que imputar a culpa à cada indivíduo contraventor.

O trabalho de Iniciação Científica “Análise do discurso midiático sobre torcidas organizadas de futebol de 1950 a 2015”, entregue em agosto de 2017 e financiado pela ESPM/SP e CNPq através de bolsa PIBIC, teve como material de análise quatro fotos por década, totalizando 28 no total, oriundas dos periódicos *Jornal O Globo* e *Folha de São Paulo*. Além disso, utilizou-se da retórica da imagem de Roland Barthes (1990), que analisa como texto e imagem argumentam conjuntamente. Neste artigo, o objetivo é expor o contraponto entre dois momentos completamente diferentes no processo analisado: 1958 e 2010, com uma reportagem do *O Globo* de 06/10/1958 e outra da *Folha de São Paulo*, de 21/02/2010.

Revisão Bibliográfica

Para Santos (2004: 41), as torcidas organizadas são um reflexo da pós-modernidade, que representa o período atual da história, caracterizada por relações efêmeras, em que instituições (Igreja, Estado etc) e seus preceitos fixos perderam espaço. Os grupos urbanos “buscam identidades a fim de se diferenciarem da massa, tida como anônima, indefinida e dispersa”, e para isso constroem signos que os diferencie – e a motivação pode ser futebolística. Mattos (2014: 41-43) utiliza do conceito de comunidades imaginadas, de Benedict Anderson, para caracterizar as torcidas organizadas. Comunidade imaginadas são grupos que se ligam por um sentimento de pertença, que pode ser religioso, emocional, ideológico, cultural ou político; como as torcidas organizadas tem este tipo de ligação, esta definição pode ser aplicada neste caso. Ainda segundo Mattos, dentro de uma comunidade imaginada podem existir muitas outras, e é exatamente isso que são as torcidas organizadas, já que existem várias dentro da grande comunidade que são os torcedores de uma equipe.

Apesar destas definições iniciais darem a entender que as torcidas organizadas são homogêneas, na verdade elas são heterogêneas e complexas. Não há, por exemplo, um comando central que coordene as ações, principalmente em torcidas grande projeção nacional, que tem infinitas subdivisões Brasil afora. A Gaviões da Fiel, que tem 100 mil membros no país inteiro, não tem a capacidade de controlar todos os associados, por ser muitos, estarem dispersos pelo Brasil e organizados em pequenos grupos, da cidade ou do bairro. A partir de concepções homogeneizantes, cria-se um discurso midiático bastante preconceituoso sobre estes agrupamentos, resultando em punições generalizantes por parte do poder público. Segundo estudo realizado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro e exposto em Murad (2007: 35), somente 7% dos torcedores organizados são vândalos; ou seja, quem briga é a minoria da minoria. Para falar sobre violência no futebol, é preciso entender que posição ela ocupa na sociedade.

Praticamente todos ou quase todos os grandes pensadores, em pelo menos algum momento importante de sua obra, falaram alguma coisa sobre ela (a violência), abordando uma ou outra de suas facetas, de suas variadas práticas, denunciando sua presença preocupante e ameaçadora, mas também reconhecendo o seu caráter fundador e inaugural para a vida humana, para história, para a estrutura das sociedades e para as relações interpessoais.

A violência, portanto, não é um comportamento exclusivo deste ou daquele grupo, e sim intrínseco ao ser-humano. Além disso, o Brasil é extremamente violento, com 28,3 mortes intencionais por 100 mil habitantes, segundo o Atlas da Violência 2016, estudo desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Para colocar em perspectiva, isso se traduz no sétimo maior índice do Mundo, segundo o Banco Mundial; ou seja, a violência não só é intrínseca ao ser-humano como também é um grave problema social no Brasil, e não somente do futebol.

Segundo Murad (2007: 27), a primeira forma de violência do futebol brasileiro foi o racismo dos anos 1920, quando os clubes da elite econômica excluíram dos campeonatos os times populares, formados principalmente por pobres e negros – o futebol começava a deixar de ser um esporte das classes abastadas. Ou seja, a violência não precisa necessariamente envolver atos físicos, porque há outras formas de cometê-la. A mídia também promove violência, ao se utilizar de metáforas de guerra para falar de confrontos entre torcedores e das torcidas organizadas, algo desproporcional e que, no fundo, só afasta as pessoas dos estádios de futebol, porque reduz estes espaços a campos de batalha, como se em todos os jogos houvesse confronto entre os apoiadores dos times. Quem frequenta bastante estádios, como faz este pesquisador, sabe que isto passa longe de ser verdade.

A metáfora da guerra, tanto real como latente, é reforçada semanticamente pelo emprego de uma série de vocábulos normalmente utilizados para descrever ou evocar esse tipo de situação, tais como: o adjetivo “corajosos”, o verbo “arriscar”, os substantivos “batalha”, “campo de batalha”, “morte”, “medo”, “violência”, “feridos”, “reféns”, “front” etc. Ao sugerir uma relação de semelhança entre os estádios de futebol e uma praça de guerra, a metáfora em questão reveste esses espaços com a imagem da hostilidade, da desordem e do perigo ao mesmo tempo em que oculta outras características tradicionalmente imputadas a eles: como a festa, a alegria e a celebração

Depois da Copa do Mundo de 1966, o hooliganismo ganhou espaço na imprensa inglesa, que mandava repórteres somente para observar o comportamento dos torcedores violentos (Dunning, Murphy e Willians, 1993; 1994 apud Lopes e Cordeiro, 2015). Segundo Holanda (2008: 28), o fenômeno se acentuou nos anos 1980 e resultou em punição aos clubes ingleses em competições europeias por 5 anos. A violência no futebol cresceu no Brasil neste período, mas não é possível provar a influência das imagens mostradas na Inglaterra em torcedores brasileiros. Também nos anos 80, verificou-se,

segundo Hollanda (2008: 133-134) e Santos (2004: 82), mudanças no discurso midiático sobre torcidas organizadas de futebol; a exaltação da festa nas arquibancadas deu lugar à associação dos grupos de torcedores e atos de violência cometidos por alguns dos seus integrantes.

Assim como matérias exclusivas de página inteira vinham sendo feitas ao longo das décadas, o decênio de 1980 assistiria a destacadas reportagens com aqueles representantes (chefes de torcida), onde continuava a se evidenciar uma preocupação recorrente com as origens sociais, com as formas de subsistência econômica fora do esporte e com o grau de doação de que eram capazes. Enquanto o citado repórter Élcio Castro expunha em 1966 a vida do chefe de torcida com ênfase na modéstia de suas condições econômicas e na aclamação de seu altruísmo, com a inclusão de dispêndios financeiros pessoais em benefício do clube, o teor dos textos da década de 1980 se direcionava à apresentação dos novos atores que emergiam nos grupos, à exposição das novas questões por eles vivenciadas no relacionamento com as demais instâncias do futebol e à explicitação dos modelos de conduta em que se viam moralmente divididos (HOLLANDA, 2008: 133-134).

Metodologia de Pesquisa

A fotografia jornalística, assim como qualquer mensagem, é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. Pelo fato da foto não ser apenas um produto ou caminho, e sim um objeto de autonomia estrutural, é necessário um método particular de análise. Porém, ela não é uma estrutura isolada, por se identificar com pelo menos outro elemento, o texto. Além disso, suas características semióticas podem ser estudadas isoladamente ou em conjunto com o texto.

Ao contrário do que o senso comum acha, a fotografia não é uma mensagem objetiva que serve como analogia do real, mas sim um objeto trabalhado, escolhido, composto, constituído e tratado segundo normas profissionais, estéticas e ideológicas. Assim como o texto, a imagem tem uma mensagem conotada; diferente do texto, no entanto, a conotação se desenvolve a partir de uma mensagem sem código, característica deste discurso (BARTHES, 1990: 11-12).

Já que a conotação não está no nível da mensagem, é preciso decifrar os elementos da imagem para analisar as mudanças de sentido. A proposta de Barthes é que analisemos os seguintes aspectos: trucagem, pose, objetos, fotogenia, esteticismo e sintaxe. A trucagem é uma maneira de intervir no interior da imagem denotada; a pose estuda como e

o que a disposição dos objetos em cena traz de significação; os objetos, por sua vez, podem ser indutores de ideias ou de verdadeiros símbolos; a fotogenia analisa a sublimação da mensagem conotada por técnicas de impressão e tiragem; quando a imagem é tratada em sua palheta de cor para significar outras coisas, temos o esteticismo; e o encadeamento de imagens produz uma sintaxe (BARTHES, 1990: 15).

Segundo Barthes, há duas formas de conotar a imagem através da mensagem linguística. Uma delas é a fixação, onde todos os significados estão na imagem, e cabe ao texto orientar para a interpretação pretendida, fazendo uma barreira para a proliferação de sentidos. A outra é o revezamento, onde texto e imagem atuam em complementaridade, e por isso as palavras não só elucidam a foto, como também progride a ação junto com a imagem. Quando há o predomínio da função revezamento, pressupõem-se o entendimento da língua e, por isso a informação é difícil. Na função fixação, como os significados estão na imagem, é fácil de obtê-los; no entanto, o saber literário é necessário para absorver aquilo pretendido pelo escritor (BARTHES, 1990: 31-34).

Utilizou-se, também, alguns elementos de composição das fotos, que ajudaram a construir a conotação das fotos. Em enquadramento, há o plano geral, que abrange o cenário como um todo; o plano médio, que mostra o cenário e a pessoa; e o close, um enquadramento somente no indivíduo. O ângulo reto traz a ilusão do real, ao representar a relação olho-no-olho; o ângulo plongée (de cima para baixo) desvaloriza a personagem e, muitas vezes, enaltece o conjunto; e o ângulo contra-plongée (de baixo para cima), que valoriza o indivíduo em questão. Além disso, também há o equilíbrio estático, que conota peso, e o dinâmico, que pressupõe movimento.

Material de Análise

Como foi um trabalho de Iniciação Científica, de um ano de duração, não foi possível analisar todos os principais jornais do Brasil. Optou-se, então, pelos periódicos *Folha de São Paulo* e *O Globo*, oriundos de São Paulo e Rio de Janeiro, estados que concentram grande parte da produção midiática. Com estas escolhas, acredita-se que o material de análise informou e produziu efeitos a um relevante número de pessoas, tendo em vista que ambos jornais têm circulação nacional e estiveram presentes como formadores de opinião durante todo o escopo de tempo da pesquisa, de 1950 a 2015.

Utilizou-se o acervo digital disponibilizado pelos dois jornais a seus assinantes para pesquisar a expressão exata “torcida organizada” – 1027 resultados na *Folha* e 6252 em *O*

Globo. Após triagem, já que nem todas as notícias tinham fotos, foi realizado um sorteio via www.sorteador.com.br, com o objetivo de escolher quatro reportagens por década, totalizando 28 ao longo das 7 décadas.

Expostas estas questões, iremos apresentar as análises das reportagens escolhidas para este artigo.

Análise

Como já dito, até o final da década de 1960, as torcidas organizadas possuíam outro formato, ligadas oficialmente aos clubes e identificadas por um torcedor-símbolo. Isso significa que as fotos analisadas aqui têm agrupamentos diferentes na composição e estrutura: a foto de 1958 retrata a Charanga do Flamengo, de Jaime de Carvalho e a reportagem de 2010 tem como protagonista a Mancha Alverde, atualmente a principal torcida organizada do Palmeiras e que tem dimensões nacionais.



Na foto acima, publicada em *O Globo* no dia 06/10/1958, vemos o chefe da Charanga do Flamengo, Jaime de Carvalho, representando o clube e a torcida ao entregar uma homenagem ao jogador Joel. Além disso, analisando os objetos da cena, podemos

perceber a vestimenta distinta entre Jaime e sua filha e os outros três integrantes da torcida. Parece uma monarquia, já que os líderes da torcida, ligados pelo sangue, estão vestidos de maneira bem diferente do que os demais integrantes – que, nesta perspectiva, seriam súditos. A postura de Jaime é de dar ordens aos jogadores flamenguistas, e claramente ele tem o respeito deles, que ouvem com as mãos para trás e com a coluna corcunda, em um sinal de obediência.

No texto da reportagem é possível ler:

(...)Repórter: - Você disse “se eu tiver, realmente, que designar um substituto para Joel”...

Solich (técnico do Flamengo): - disse, sim, porque agora estou mais esperançoso do que nunca de que ele continue no Flamengo.

Repórter: - Mas como, Solich, pois então o jogo com o Canto do Rio não foi a despedida oficial de Joel

- Pode ser que sim, pode ser que não...

- Por quê?

- As manifestações da torcida rubro-negra, da Gávea, foram a que de mais emotivo, porque puramente espontânea que já assisti até hoje, como homenagem, como amizade e reconhecimento a um jogador correto. Senti-me, de todo, muito emocionado, como todos e Joel jamais poderá esquecer a “Valsa de Despedida” que carinhosa e já saudosamente entoaram para ele, assim, tudo muito natural, coisa de momento.

- E então?

- Então que o Joel hoje sabe, verdadeiramente, o que o Flamengo representa em sua vida. E laços como esses, que o prendem, dificilmente podem ser quebrados. (...)

Ou seja, é possível perceber uma confiança do técnico do Flamengo na permanência do ídolo Joel por conta da manifestação da torcida, que inclui o ato retrato na foto e cânticos entoados por eles. É claro que, nesta época, pelo fato do esporte não ser tão desenvolvido quanto hoje, cancelar uma transferência de jogador não era difícil, mas, de qualquer forma, esta entrevista mostra o respeito e a confiança que os atores do futebol depositavam na torcida organizada.

Tendo em vista a postura de cobrança e liderança de Jaime de Carvalho para com os jogadores, o texto atua com a função de fixar este significado para o leitor, mostrando

que o ídolo da equipe pode permanecer exatamente por conta da torcida. Embora o técnico do Flamengo não fale especificamente em “torcida organizada”, é óbvio que quem organizou a festa para o Joel foi ela, porque na época era o único grupo formal e organizado de torcedores. Além disso, esta é uma dinâmica que ocorre até hoje: quem mais promove a festa em estádios no Brasil são as torcidas organizadas, com percussão musical (bateria), sinalizadores, bandeiras e diversos apetrechos que ajudam na promoção da festa. Em diversos lugares do Brasil, no entanto, estes objetos que embelezaram estádios e o futebol durante tanto tempo estão proibidos de serem levados aos locais de jogos, com a justificativa de combater a violência.

O respeito e condescendência com as torcidas organizadas não existe em 2010, onde tem-se a certeza de que estes agrupamentos são formados única e exclusivamente com a função de cometer atos ilícitos. Na reportagem da *Folha de São Paulo* de 21/02/2010 são mostrados torcedores palmeirenses, da Mancha Alviverde, protestando contra o então técnico do time, Antônio Carlos Zago, e pedindo a volta de Muricy



Ramalho, seu antecessor. As críticas, legítimas e, aparentemente, pacíficas, foram frontalmente rechaçadas pelo então diretor de futebol alviverde, Seraphim Del Grande, que não se preocupou em debater o mérito da reivindicação dos fãs palmeirenses. Em uma entrevista exposta no texto, Del Grande diz que não pode levar em consideração protesto “de baderneiros, de pessoas que fazem emboscada em estrada, que agriem pessoas fora do campo de futebol. Isso é coisa de bandido”. Ou seja, não importa qual for o grupo de pessoas, se ele for filiado à Mancha, quer dizer que é bandido e baderneiro; quando, é preciso repetir

mais uma vez, apenas cerca de 7% dos torcedores organizados são os que participam das agressões, segundo estudo publicado por Murad (2007).

Organizada já faz protesto contra técnico

DA REPORTAGEM LOCAL

A torcida organizada Mancha Alviverde realizou um protesto ontem de manhã em frente ao CT do Palmeiras. O alvo foi a diretoria e o novo técnico do time, Antônio Carlos.

Além de pedir a volta de Muricy Ramalho, demitido na quinta-feira, a facção lembrou o episódio no qual Antônio Carlos foi acusado de racismo na época em que jogava pelo Juventude, em 2006.

Uma das faixas dizia "Volta Muricy, fora racista". Outra chamava o presidente do clube, Luiz Gonzaga Belluzzo, de "covarde". Os cerca de 60 manifestantes também levaram cartazes com os dizeres "Elenco pipoqueiro" e "Fora Cipullo, 171", em referência ao vice-presidente Gilberto Cipullo.

Faixas de protesto também foram colocadas próximas ao Parque Antarctica. O ato irritou o novo diretor de futebol do clube.

A foto foi tirada em plano médio, que mostra o cenário e a pessoa, e em ângulo reto, que simula a realidade ao parecer com a relação olho no olho. Além disso, o enquadramento dela é interessante, porque, ao mesmo tempo que mostra uma importante reivindicação dos torcedores, só é possível ver uma pessoa, como se o protesto fosse só aquilo, desmerecendo o ocorrido. Os objetos (faixas e bandeiras) contribuem para a pose, de protesto, e também dão a ideia de que há mais pessoas atrás, pelo fato das bandeiras estarem tremulando. Entretanto, ainda assim há a conotação de que não é um protesto cheio e, em complementaridade com o que o texto diz, faz com que o discurso seja de desmerecimento pelo o que estão dizendo estes integrantes da Mancha Alviverde. Desta forma, a técnica de conotação utilizada nesta reportagem é a do revezamento, onde texto e imagem constroem juntos a ação.

Considerações Finais

A diferença entre as duas reportagens é nítida e mostra de forma didática o começo e o fim do processo identificado durante o trabalho de Iniciação Científica. Num primeiro momento, tem-se as torcidas como símbolos do clube – seus membros são exaltados pelo

seu altruísmo e amor ao clube. A imprensa propagava o entendimento de que os torcedores organizados promovem as festas, dentro e fora do estádio, apoiando o time incondicionalmente. Hoje em dia, as torcidas ainda assumem esta função, e quem frequenta bastante os estádios, como faz este pesquisador, sabe que o setor onde ficam as organizadas é o mais animado dos estádios. No entanto, o discurso midiático atual, representado aqui pela reportagem de 2010 da *Folha de São Paulo*, coloca as torcidas organizadas como organizações criminosas, que tem na briga e na desordem os únicos propósitos de existência. Utilizam-se, para isso, de metáforas de guerra, como “facção”, “batalha”, “front” etc, que desqualificam estes agrupamentos de forma preconceituosa e generalizante.

Durante o trabalho de Iniciação Científica, identificamos estes dois grandes momentos, com o primeiro indo até a década de 1990. A mudança, no entanto, não aconteceu de forma brusca: a partir da década de 1970, os incidentes começaram a ser relatados nas reportagens sobre as torcidas, mas eles eram sempre circunstanciados como sendo a ação de uma minoria. Este expediente continuou em prática na década de 1980, quando a luta contra o fim da Ditadura Militar e pelas Diretas Já estava no auge e tinham as torcidas como uma das protagonistas; mais do que grupos torcedores, passam a ser entendidas como atores políticos. A década de 1990 marca a ruptura da relação torcida-festa, principalmente depois da Batalha Campal do Pacaembu, em 1995, quando palmeirenses e são-paulinos se enfrentaram no campo de jogo com paus e pedras e as imagens exibidas exaustivamente pelos meios de comunicação. A mídia, então, atendeu à demanda da sociedade por culpados, e personalizou o discurso, tentando colocar o líder da Mancha Alviverde, Paulo Serdan, como principal culpado no plano discursivo.

A técnica da personalização foi utilizada na reportagem mostrada neste artigo, do *O Globo*, de 1958. O objetivo, no entanto, era de exaltar o líder da Charanga do Flamengo, Jaime de Carvalho, colocando-o como principal promotor das festas; portanto, há uma diferença grande entre a execução desta técnica nos anos 50 e 1990. Posteriormente, durante a análise das décadas de 2000 e 2010, constatou-se que este procedimento fora adotado de forma circunstancial na década de 90. O que virou *modus operandi* da imprensa esportiva brasileira foi mostrar as torcidas organizadas como bandos homogêneos promotores de violência, utilizando-se de metáforas de guerra para identificar estes agrupamentos. Tal expediente é perceptível na reportagem da *Folha de São Paulo*, de 2010, onde o então diretor de futebol do Palmeiras caracteriza a Mancha Alviverde como

organização criminosa, que só promove atos ilícitos, diminuindo um grupo com projeção nacional aos atos contraventores de alguns de seus membros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*; tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. Rio de Janeiro: PUC, 2008.

LOPES, Felipe Tavares Paes. *Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social*. São Paulo: USP, 2012.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CARNEIRO, Marianna Prioli. *Futebol, Visibilidade e Poder: Lógicas da Violência nos Espetáculos Futebolísticos*. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS, Maurício Gomes de. *Retratos de uma comunidade: a fiel corintiana e os vínculos comunicacionais*. São Paulo: UNIP, 2014

MURAD, Maurício. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.